

O ENSINO DE LÍNGUA E LITERATURA MACUXI A PARTIR DAS KASARI PANTONI E OUTRAS NARRATIVAS DO BOTO

THE TEACHING OF MAKUSHI LANGUAGE AND LITERATURE FROM THE KASARI PANTONI AND OTHER BOTO NARRATIVES

Auristela Raposo Moreira¹
Ananda Machado²
Julie Dorrico³

RESUMO: Neste texto propomos possibilidades de inserir as literaturas Macuxi no ensino de língua e cultura Macuxi nas comunidades indígenas em Roraima. O Boto é um /personagem bastante conhecido entre os povos indígenas em Roraima, no Norte, na Amazônia e no Brasil. A partir de nossas vivências nas comunidades indígenas, da língua Macuxi falada e das histórias contadas, principalmente por mulheres indígenas consideradas guardiãs dos saberes ancestrais, apresentamos aqui propostas de atividades para o ensino de língua Macuxi a partir deste tema. **PALAVRAS-CHAVE:** Língua Macuxi. Literaturas Indígenas. Boto. Roraima

ABSTRACT: In this text we propose possibilities of inserting Makushi literature in the teaching of Makushi language and culture in indigenous communities in Roraima. The Boto is a well-known character among indigenous peoples in Roraima, in the North, in the Amazon and in other parts of Brazil. Based on our experiences in indigenous communities, the spoken Makushi language and the stories told, mainly by indigenous women considered guardians of ancestral knowledge, we present here proposals for activities for teaching the Makushi language based on this theme.

KEYWORDS: Macuxi language. Indigenous Literatures. Boto. Roraima.

Introdução

O ensino da língua Macuxi por meio de suas narrativas indígenas contribui para que os alunos a vejam como algo que faz parte de sua vida e memória ancestral, tomando a língua Macuxi como elemento fundamental no ensino e mergulhando na tradição da cultura literária indígena.

¹ Mestre em Letras pelo PPGL UFRR, professora em escola indígena estadual em Roraima, escritora e professora de Língua Macuxi. E-mail: auristelamoreira653@gmail.com.

² Professora no Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena, no Programa de Pós-Graduação em Letras, no Profhistória e coordenadora do doutorado Educante Polo UFRR. E-mail: ananda.machado@ufr.br.

³ Doutora em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e escritora Macuxi. E-mail: juliedorrico@gmail.com.

O enfoque deste artigo, redigido a partir da dissertação “Um Diálogo entre as *Kasari Pantoni* Macuxi e Outras Narrativas de Boto”, é construir propostas de atividades para fomentar a valorização da cultura e da língua Macuxi a partir do estudo da literatura indígena das *Kasari Pantoni*.

Nas comunidades indígenas em Roraima e na Guiana Inglesa (República Cooperativa da Guiana), vivem algumas pessoas falantes da língua Macuxi, que conhecem as *Kasari Pantoni*⁴ (narrativas do Boto). A partir da convivência em algumas dessas comunidades, surgiu a ideia de ouvir versões na língua Macuxi e traduzir para o português, estudando as *Pantonkon* (histórias) de modo comparativo. Portanto neste artigo construímos um diálogo entre as versões da narrativa do Boto encontradas também em outras referências, escritas por outros autores indígenas.

Essas narrativas orais são contadas nas comunidades dos pais/mães para os filhos (as) e das (os) avós (ôs) para os (as) netos (as), são conhecimentos Macuxi, que na contemporaneidade vão sendo atualizados de acordo com as mudanças vividas pela população.

Antigamente os princípios básicos de educação indígena vinham da família e vivíamos sem agredir a natureza, fazendo artesanato e defendendo a cultura, de tal modo que o uso da língua era importantíssimo, pois ela nomeava e narrava esses valores que davam vida à literatura oral Macuxi no nosso território. Depois da invasão europeia e de tudo que sofremos, consideramos necessário que se realize um processo de revitalização das narrativas indígenas e da língua Macuxi nas comunidades, pois sabemos que o uso dessa literatura e dessa língua é fundamental no cotidiano das famílias e na escola, principalmente nas séries iniciais, para que desde cedo as crianças tenham contato com as *Pantonkon* (Histórias/Literaturas).

Há legislação que garante esse direito de estudar a própria língua: o Art. 78 da Lei de Diretrizes e Bases (1996) prevê a recuperação das memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas e a valorização de suas línguas e ciências. Há ainda a Lei 11.645/2008 que torna obrigatório e recomenda o estudo da história e da temática indígena também nas escolas não indígenas.

A pesquisa contribui para desconstruir uma visão estereotipada que se tem normalmente da figura do Boto, evidenciando algumas possibilidades de interpretação e

⁴ Falamos *pantoni* quando estamos nos referindo à história de alguém ou de alguma coisa. *Panton* quer dizer apenas História, portanto há diferença de *pantoni* para *panton*. Ex1: essa é a história do Boto: *Kasari pantoni mîrîrî*. Ex 2: essa é a história: *panton mîrîrî*.

existência. Foi enriquecedor conhecer as versões que outros povos indígenas narram e escreveram sobre esse personagem.

Essa política de educação escolar indígena no Brasil deu “[...] um impulso nunca antes visto para o surgimento de uma nova escrita indígena, seja através da necessidade de criar novos materiais didáticos com conteúdos indígenas para alimentar as escolas indígenas” (GRAÚNA, 2013, p. 175).

Se na literatura brasileira, especialmente o segmento do folclore, o boto é representado de forma unívoca e imutável, como podemos notar na descrição de Alves (2017) abaixo; na literatura indígena, a complexidade do boto é trabalhada de um modo mais sensível e diferente em relação ao folclore, pois parte do princípio de que o boto é um encantado, um "dono do rio", e, sobretudo, está vivo nas comunidades. Esta "reapropriação política" (WILLIAMS, 2019) advém do movimento contemporâneo em que sujeitos indígenas e negros podem, agora, retomar na pesquisa todos os domínios que lhes foram apropriados historicamente.

O Boto é um homem muito bonito, atraente, sedutor, exímio dançarino e bebedor, está sempre vestido de branco com um elegante chapéu na cabeça - do qual não se separa, pois ele, na verdade esconde um orifício da respiração do Boto - e sua função é seduzir as moças incautas para depois engravidá-las (ALVES, 2017, p. 58).

Esta descrição de Alves (2017) denota a mentalidade brasileira no que tange à interpretação das religiões não ocidentais, seja de matriz indígena ou afro. Disputar esse terreno de representação significa para a literatura indígena demarcar, tal como ocorre no campo físico, modos de vida, culturas e sistemas de crenças próprias às nações indígenas.

Por tudo isso, o que virá a seguir são os questionamentos voltados à revitalização da cultura, da língua Macuxi e das narrativas. Como, nesse novo contexto histórico no qual uma pesquisadora Macuxi, que fala sua língua, escreve uma dissertação de mestrado poderá contribuir para a permanência da língua e da literatura indígena Macuxi? Como organizar em forma de atividade didática a cultura/memória Macuxi ainda presente na atualidade? Estudos de literatura comparada podem reafirmar características importantes presentes nas *Pantonkon* Macuxi? O que há em comum e de diferente entre o que as histórias na língua Macuxi contam a respeito do Boto e outras versões? Quais são os principais desafios para inserir o ensino de literaturas indígenas, de preferência na própria língua Macuxi, para trabalhar essa memória nas escolas, comunidades e famílias das comunidades Macuxi?

Propostas de atividades a serem trabalhadas nas aulas de Língua Macuxi nas escolas indígenas

Com o objetivo de propor, a partir do estudo da literatura indígena das *Kasari Pantoni*, atividades que fomentem o ensino e a valorização da cultura e da língua Macuxi nas comunidades indígenas, escrevemos essa parte final da dissertação (MOREIRA, 2023).

Sugerimos que o professor peça aos estudantes para responder às questões na língua Macuxi e/ou portuguesa, preferencialmente na língua Macuxi. Se a turma for de nível avançado o enunciado e todas as partes explicativas da atividade podem estar na língua Macuxi. Sugerimos inclusive trabalhar a tradução das obras de autores das outras etnias aqui estudadas.

Atividade 1- *Kasari Pantoni* (História do Boto)

Há versões que fazem referência apenas aos restos mortais do Boto, com intuito de fazer feitiço para homens e mulheres, para seduzi-las (os). Segundo essas versões, os olhos do Boto são usados para olhar o (a) pretendente pelo resto ocular e assim atraí-las (os). A partir da narrativa de Dona Zenilda Macuxi⁵: *Tiwin teka' wîri emanon wutîpî epîi, aworon'pe sima tuna ka'. Aaka tata'ne, mîkîrî'pî Kasari atasinpapi, nari' pe' tuna papopiya wîri pona' mîrîrî patapai priya para' enapî, nenepê' ipupai', mîkîrî yarîpî isan'ya amoko' yamî pia, taren ke priya enatope'. Panton rî mîrî...*

Tradução: Era uma vez, uma moça linda, que foi tomar banho no rio estando menstruada. Entrando assim dentro da água, fez com que o Boto ficasse assanhado. A moça não atendeu aos conselhos e aos avisos de sua mãe, então, o Boto ficou muito agitado, jogando água para cima fortemente, que foi caindo na moça. Ela foi correndo o risco de ser afundada e ser levada para as profundezas do rio por ele. Desde então, a moça ficou doente, com fortes dores de cabeça e febre. A mãe, vendo a filha naquela situação, a levou para o centro de cura, onde só havia vovôs e o “pajé” para que vissem o que estava acontecendo e pudessem medicá-la e indicar banhos para a sua cura. Mas, ao verem a moça, os pajés descobriram que ela estava grávida, e suas dores eram consequência da gravidez.

a) Escreva o que você entendeu a história.

b) Ilustre ou faça uma história em quadrinhos a partir da narrativa:

⁵ D. Zenilda Souza tem 51 anos, é falante da língua Macuxi e atualmente reside na comunidade indígena Vista Alegre, região de baixo São Marcos, município de Boa Vista-RR. Ela colaborou com a pesquisa de mestrado da autora.

c) Escreva sobre algum caso de desobediência (como a moça que se mergulhou no rio menstruada). Ou se conhecer, escreva outra versão de uma história que tenha a figura do Boto.

Atividade 2 - O boto e a Macuxi dos cabelos longos

A partir do trecho escrito por Julie Dorrico, colado abaixo, resolva as questões a seguir:

- a) Conhece algum caso de pessoas que adoeceram após ver um ser encantado?
- b) Escreva sobre o porquê algumas pessoas indígenas têm cabelos longos como a Macuxi da história.
- c) Na sua comunidade as pessoas ainda passam algo no corpo na hora de ir pescar ou caçar?

“Quando virei menina moça não podia chegar perto da água nos dias do período, porque isso atiçava os peixes, os botos, chamava os jacarés, as cobras. Nesses dias, ou ficava em casa ou as acompanhava de longe, no barranco, bem distante da água. Se respeitasse os seres das águas, protegeria as mulheres e não seria encantada. [...] As histórias de boto sempre foram muito presentes em casa, porque meu bisavô, Andrew Miguel, era conhecido deles. Minha mãe lembra que, quando meu bisavô ia pescar, pegava a folha do açafraão, misturava com outra planta e passava no corpo. Depois, já na canoa dentro d’água, assobiava, um assobio alto, e os botos vinham. Segundo ele, essa amizade tinha começado quando ele era jovem, depois de ver, no caminho de Caraçabai para Yorora Head uma jovem macuxi muito bonita passando as mãos pelo cabelo. Ao perceber a presença do vô ela pulou na água e desapareceu. O vô adoeceu, teve dor de cabeça e quase morreu por ter visto a encantada” (2021, p. 123-124).

Atividade 3 - Os Tucuxis

A partir da leitura do trecho, que faz parte do romance de Ytanajé Cardoso (Munduruku)⁶: “Não queira me encrencar mais do que já estava. Lancei mais uma vez lá para o rumo de dentro. E não é que os botos me seguiram. – O que vocês querem? – Gritei. Eles me responderam com mais banzeiro. Demorei a interpretar a verdadeira natureza daquelas

⁶ O romance *Canumã* é de autoria de Ytanajé Coelho Cardoso, escritor que nasceu no Pará, Munduruku, doutorando em Educação (2019-2023), pela Universidade Federal do Amazonas, com mestrado em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas, graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas. Possui experiência em Linguística, com ênfase na área de Línguas Indígenas, especificamente a língua Munduruku. Também atua na linha da Etnolinguística e Análise de Discurso.

manifestações [...] - O que dá muito por aqui é **boto!** Parece que eles gostam mais do encontro das águas! Dá muito Tucuxi aqui!” (CARDOSO, 2019, p.130-137), escreva:

a) Perto da sua comunidade tem algum rio? Escreva sobre a diferença de quando ele está cheio ou seco.

“[...] A seca deixa tudo mais visível. A propósito, tinha sinal de cardume bem no raso. Volta e meia era possível enxergar aqueles movimentos vindos de fora, cuja configuração se desfazia em contato”

b) Já tinha ouvido ou lido o nome Tucuxi? Na língua Macuxi há nomes diferentes para cada tipo de boto? Procure na sua comunidade outros nomes dados ao boto.

“[...] meu avô, pai do meu pai; era um especialista em botos. Eu poderia tê-lo ignorado, mas, de alguma forma, aqueles dois buracos ainda latejavam na minha mente [...] tudo culpa daqueles Tucuxis”.

c) Já viram ou ouviram falar de banzeiro na água? Busque histórias sobre essa situação.

Atividade 4 - Cidade das Águas profundas

O escritor indígena Marcelo Manhuari Munduruku, é músico e artista plástico, que cresceu à beira do rio Anipiri, no Alto Tapajós- PA. Ele descreve em *Cidade das Águas profundas* a importância de se comunicar com os donos da natureza, e dos encantos do boto, de como se dá a origem de sua transformação para homem e de homem para boto. Leia os trechos da obra de Marcelo Manhuari Munduruku e responda:

a) Por que Urebu ficou com medo?

b) O que aconteceu com Urebu quando ele pulou no rio?

c) O que o autor quer dizer com o trecho: “Se perdemos a pureza dos rios, perderemos também nosso modo de vida e não teremos nada além das correntezas do rio Tapajós”?

Para facilitar sua leitura, recortamos e disponibilizamos aqui alguns trechos da referida obra: “Se Urebu estivesse em seu estado normal, jamais conheceria essas histórias” (2013, p. 16).

“Foi então que percebeu que eles, apesar da aparência, não eram gente e que, no decorrer da conversa, o haviam hipnotizado, deixando-o sem voz. - Não fique com medo, meu jovem amigo. Não lhe faremos mal. Urebu balançou a cabeça concordando e continuou a segui-los.

Seu corpo flutuava. No caminho para o rio, um dos homens cobriu a cabeça de Urebu com um pano branco e pediu que ele se atirasse na água. Sem muita reação, o jovem pulou no rio. Nadou como um peixe, como um **boto**. Naquele momento, o sangue parecia circular com mais força em seu corpo, tamanho era seu espanto. Urebu sentia-se parte de tudo o que o cercava. Grandes peixes e seres estranhos moravam naquele rio”. (MUNDURUKU, 2013, p.11-13).

“Urebu viu ao longe muitas luzes, como se fosse uma cidade. De repente tudo se transformou novamente, e, num piscar de olhos, os **botos** se apresentaram como seres humanos”. (2013, p. 24).

“Cada vez que a magia e o encantamento são interrompidos, tudo se torna um caos. Se perdemos a pureza dos rios, perderemos também nosso modo de vida e não teremos nada além das correntezas do rio Tapajós” (2013, p. 26).

Atividade 5 – Comparação entre as histórias: *Wiri more'pî se'nomî'pî* (A Menininha Que Sumiu), *Tamî'kan pantoni* (A História Das 7 Estrelas) e *Akawa pantoni* (A Criança Que Virou Acauã)

Sugerimos que a (o) professor (a) não mostre a tradução em português, trabalhe apenas o texto na língua Macuxi com a turma. O (a) professora (or) pode separar as palavras por classe gramatical e traduzir uma a uma, pode colorir o texto e mostrar como a ordem das palavras em macuxi é diferente da língua portuguesa, dentre outras possibilidades.

Os textos abaixo foram narrados pela professora de língua Macuxi Consolata Gregório, conhecedora de muitas *pantonkon* (histórias) e músicas na língua Macuxi. Abaixo incluímos versões em Macuxi e em português, ambas ouvidas, transcritas e traduzidas Consolata e pela autora.

***Wiri More'pî Se'nomî'pî*⁷**

Tîwin wei, wîri wani'pî wane'pe, ta'pia tînre ase' mî'ya kei kutope kîse ra'mai:

⁷ *A Menininha que Sumiu* - Um dia, havia uma mulher sem nada para comer. Ela disse assim para sua filha: - Vamos para roça buscar mandioca para fazer beiju. Rala logo a mandioca para a gente espremer a massa e fazer logo o beiju. Daqui mesmo vamos para pescaria. - Sim - disseram seus filhos. Eles fizeram oração para abençoar a pescaria. Pegaram seus caniços, anzóis e o facão, seguiram a caminhada até o lago que era cheio de pedras e começaram a pescaria. Pegaram peixes e, logo fizeram fogo. A mulher falou: - Eu vou logo assar os peixes. Eram três filhos: uma menina e dois homens. No lago havia pedras, e a menina foi até o meio do lago para sentar-se em cima das pedras, enquanto a mãe assava os peixes. Assim que os peixes estavam assados, a mãe chamou a menina: - Venham, vamos comer. Cadê minha filha? - Ela estava lá na pedra no meio do lago. E a mãe começou a gritar chamando pela filha. Só então, percebeu que a menina havia sumido. E ela nunca mais voltou.

_ Kane'pe kîse kî'kî, asu'katope ikei kina'tope. Tari'pai konoipî wîtî'nîkon

_ Inna _ taapî imukuyamî'ya.

To' pîri'mapî konoï yewa, konosi yepu, tara'pa. Ya'nukupî'toya, iwî'ka to' repamî'pî, konoï'pî to' sipa'tîpî, a'po wîtî'nîpîpiya.

_ Moroyamî yapisi'pî toya, kane'pe _ To' puruya sîrîrî.

Tîwîn wîri inre, saakine warayo. Iwîtî'ka tî' wanî'pî rai'kîta mîikîrî wîri wîtî'pî, tî' pona, moro' pu'rupî isan'ya, inka'moro yanopîiya:

_ Asitî entamokan'tope. Taapî to' yankon'ya o'non manon?

_ Tî' po'man, isan entaimî'pîtîpî.

Mîikîrî wîri seno'mî'pî mîrîrî tî' pia. Awena'poton'pepra sîrîrî tîpose.

Tamî'kan Pantoni⁸

Warayo' winî'pî tinopî kenan, to' munkîyamî saakîne mia'pona timotai no kaisîrî, mîkîrî esenumenkâpî, ta'pîiya:

_ Tono'pîpî, masa esenyaka'mai utî, saakî'ne kapoi iwa'kai.

Mîkîrî wîtîpî, ino'pî e'numî'pî timuku yamî pokonpe, tîise timuku yamî taruma'tîiyapia tîpî, non yaka' pîiya mîrîrîya to soroka'pîiya, a'taya to' yare tonpra, emi'ne to' ena'pî, inkamoro esenumenka'pî, to ruinanko ya tapî:

_ Eserenkanpainîkon? inkamoro esenka'pî to' enu'ku piya tî'pî tenyakon ta'pîse to' esenrenka eta'pî to' yankonya epa'ka'pî poropona, kawîinne to' enu'as a'kape to' enapî, mîkîrîya ta'pî:

_ Ennapotî maama piya asi'tî aya'rekon seeni ena'tanitî, patia, a'nai, ma'pîiya, kaiwara, paruru.

Ta'pîiya, tîise eta toya pîn, kawîinne to' wanî'pî, inkamoro era'tîpî kaiwono' tamîkanpe. Tawon.

⁸ A *História das 7 Estrelas* - Havia um homem que era casado, tinha 12 filhos. Ele começou a pensar, e falou para sua esposa: - Você me espera, eu vou trabalhar e passar dois meses. Em seguida ele saiu pra trabalhar e ela ficou com os filhos, mas, ela começou a maltratar os filhos. Ela cavou um buraco e jogou os filhos dentro, sem e comida sem nada. Eles ficaram com fome, e começaram a pensar. O irmão mais velho falou: - Vamos cantar? Cantaram e começaram a subir de mãos dadas. A mãe começou a ouvi-los e foi para fora. Eles já estavam bem no alto, e começaram a brilhar, e ela então disse: - Voltem para perto da mamãe! Venham! Tem comida aqui para vocês, venham comer. Melancia, milho, mamão abacaxi, banana. Ela disse, mas eles não escutaram, estavam muito alto, e eles viraram estrelas, 7 estrelas. As sete estrelas.

Akawa Pantoni⁹

Panton wanî'pî: Wîri' era'tî'pî, toronpe akawape. Wîri' wanîpî, inre wa'wa, mîkîrî' yarîpîiya umîiya. Erapamî'pî umîiya, tînrerumakapîiya rutîya.

_ Masa a'nai ika'tûya tanne.

Ta'pîiya tînrepî. Inre' karau piyatîpî

_ Mo'ekî wa'wa.

Tapî ako'momîpî. Tera'mai'pra a'nai i'katî ye'kape. Moroopai rutî'yapai tîkarau ye'kape more ainumî piatîpî, non poi.

Mîkîrî eramapî isanya enuku tanne, yapisî yu'se awanîpî. Tîise kawîinne enusa tanne, mîkîrî era'tî'pî, toronpe akawape.

Yeiyê' a'pita'pî po itentunya iwanpe enîn, yeiyê' anennan po itentunya iwanpepra e'nîn. Tiaron pa'nîpe awanî, wei kasîrî itetunya. Tawon nan penarokon. Epata'se' wî'pon, inkarîtawon.

- a) Leia as 3 histórias e narre com suas palavras o que acontece com as crianças em cada uma delas.
- b) Reescreva *Wîri More'pî Se'nomîi'pî* (A Menininha que sumiu) e inclua o personagem do Boto na narrativa.
- c) Inclua o personagem do pajé em uma das histórias e modifique o seu final.

Atividade 6 Comparação entre as histórias: *Kasari Pantoni* (História do Boto), *Menina Moça*, *Canumã* e a *Cidade das Águas profundas*

- a) O que há em comum nas 4 narrativas?
- b) Em cada uma das 4 histórias, quais são os personagens que se relacionam com o Boto?
- c) O que o Boto faz em cada uma das histórias?

Considerações finais

⁹ *A Criança que Virou Acauã* - Era uma mulher nova, que tinha um filho bebê. Ela o levou para a roça, ela chegou à roça e deixou seu filho no jamaxim. - Espera, enquanto eu vou colher milho. Disse para o filho. Mas o filho começou a chorar. - Não chore bebê! Continuou falando e colhendo o milho, sem olhar para o jamaxim onde o bebê estava acomodado. Depois, o bebê que estava no jamaxim chorando começou a voar do chão. Só então, a mãe viu enquanto o bebê subia. Queria pegá-lo, mas ele já estava voando bem alto, e assim o bebê virou um pássaro "akawa" acauã.

Neste artigo sugerimos a possibilidade de ensinar a língua e a literatura Macuxi nas escolas das comunidades indígenas em Roraima de modo contextualizado. O processo de letramento merece ser trabalhado nas duas línguas documentando em materiais bilíngues as *pantonkon* macuxi.

Compartilhamos parte de nossas leituras sobre o Boto, que é um personagem às vezes tomado de modo estereotipado, mas é muito conhecido entre os povos indígenas no Brasil. Acreditamos que a diversidade de versões que incluem a figura do Boto merecem ser divulgadas.

Com base em nossas vivências nas comunidades indígenas, com o estudo e ensino da língua Macuxi e das histórias, elaboramos e apresentamos aqui algumas propostas de atividades para contribuir no ensino de língua Macuxi a partir deste tema.

O ensino de língua Macuxi trabalhado de forma contextualizada, prestigiando as nossas *pantonkon* (histórias), vem colaborando para que mais crianças, jovens e adultos aprendam a língua e a literatura Macuxi. Muitas vezes ouvimos nas aulas: “temos histórias tão interessantes que trazem outras perspectivas de mundo” ou “gostei de saber que existem tantos tipos de Boto”. Esses momentos nos encorajam a seguir pesquisando, ensinando e experimentando metodologias Macuxi transformadoras.

Referências

ALVES, Januária Cristina. *Abecedário de personagens do folclore brasileiro*. São Paulo: Edições SESC, FTD, 2017.

CARDOSO, Ytanajé Coelho. *Canumã: a Travessia*. Manaus: Editora Valer, 2019.

DORRICO, Julie. Menina Moça in *De Repente Adolescente*. São Paulo: Seguinte, 2021.

GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da Literatura Indígena Contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza edições, 2013.

MOREIRA, Auristela Raposo. *Um Diálogo entre as Kasari Pantoni Macuxi e Outras Narrativas de Boto*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Roraima, 2023.

MUNDURUKU, Marcelo Manhuari. *A Cidade das Águas Profundas*. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

WILLIAMS, Rodney. *Apropriação Cultural*. São Paulo, SP: Pólen, 2019.